

ENTRE ÍDOLOS E RIVAIS: A CONSTRUÇÃO SEMIÓTICA DA IMAGEM DE Ayrton Senna e DA RIVALIDADE COM ALAIN Prost NA FOLHA DE S.PAULO

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Coordenadoria de Fomento à Pesquisa - Pró-Reitoria de Pesquisa e
Pós-Graduação

Maria Júlia de Figueiredo¹
Apoio: PIBIC Mackenzie

Anderson Gurgel Campos²

Centro de Comunicação e Letras (CCL) ¹
Centro de Comunicação e Letras (CCL) ²

10416967@mackenzista.com.br
anderson.campos1@mackenzie.br

RESUMO

A imagem de Ayrton Senna e de sua rivalidade com Alain Prost permanece como um dos elementos mais emblemáticos do imaginário esportivo brasileiro, atravessando décadas e mantendo forte apelo cultural. No contexto dos 30 anos de sua morte, a cobertura jornalística da Folha de S.Paulo atualiza esse legado, articulando narrativas que exploram aspectos de sua trajetória profissional e pessoal. Partindo da perspectiva semiótica, esta pesquisa investiga como signos icônicos, indéxicos e simbólicos se combinam para reforçar atributos como determinação e orgulho nacional, projetando-o para além do universo das corridas e posicionando-o como referência identitária. O estudo justifica-se pela relevância histórica e midiática de Senna, bem como pelo papel da imprensa na manutenção de figuras públicas no imaginário coletivo. Adotou-se metodologia qualitativa de análise de conteúdo, examinando matérias publicadas no período, com o objetivo de identificar padrões discursivos e estratégias enunciativas. Os resultados apontam para a presença consistente de um discurso que constrói Senna como figura exemplar, associada a valores socialmente idealizados, mantendo sua capacidade de mobilizar sentidos mesmo décadas após sua morte.

Palavras-chave: Semiótica. Mídia. Ayrton Senna. Discurso jornalístico.

ABSTRACT

The image of Ayrton Senna and his rivalry with Alain Prost remains one of the most emblematic elements of Brazilian sports imagery, transcending decades and retaining strong cultural appeal. In the context of the 30th anniversary of his death, the coverage by Folha de S.Paulo updates this legacy by articulating narratives that explore aspects of his professional and personal trajectory. From a semiotic perspective, this research investigates how iconic, indexical, and symbolic signs combine to reinforce attributes such as determination and national pride, projecting him beyond the world of racing and positioning him as an identity reference. The study is justified by Senna's historical and media relevance, as well as by the role of the press in sustaining public figures within the collective imagination. A qualitative content analysis methodology was adopted, examining articles published during the period in order to identify discursive patterns and enunciative strategies. The results indicate the consistent presence of a discourse that constructs Senna as an exemplary figure associated with socially idealized values, maintaining his ability to mobilize meanings even decades after his death.

Keywords: Semiotics. Media. Ayrton Senna. Journalistic discourse

1. INTRODUÇÃO

Ayrton Senna da Silva (1960 - 1994) consolidou-se como uma das personalidades mais emblemáticas da história do automobilismo contemporâneo, cujo desempenho ultrapassou os limites estritamente esportivos, adentrando o campo do imaginário coletivo, sobretudo no contexto brasileiro. Natural de São Paulo, iniciou precocemente sua trajetória nas competições de kart, base formativa que lhe proporcionou o domínio técnico e o refinamento estratégico que viriam a caracterizar sua condução nas categorias superiores do esporte a motor. A estreia na Fórmula 1 ocorreu em 1984 e, ao longo de uma carreira marcada por uma notável elevada exigência de performance, Senna acumulou 41 vitórias em Grandes Prêmios, 65 poles positions e três títulos mundiais, obtidos nas temporadas de 1988, 1990 e 1991 (WILLIAMS, 2014). Suas atuações em condições climáticas adversas, particularmente sob chuva, consagraram-no como uma figura ímpar no universo automobilístico.

Quando o carro de Senna colidiu violentamente contra o muro externo da curva Tamburello, a uma velocidade estimada de 211 km/h, às 14h17 do dia 1º de maio de 1994, durante o Grande Prêmio de San Marino, instaurou-se uma suspensão quase litúrgica do tempo entre os milhões de telespectadores que acompanhavam, ao vivo, a transmissão daquele que viria a ser um dos episódios mais traumáticos da história do automobilismo moderno. Muitos mantinham-se em oração silenciosa, tomados por um sentimento de incredulidade, ainda sem plena consciência da gravidade do ocorrido. A memória coletiva recente evocava incidentes de proporções supostamente análogas, como os sofridos por Gerhard Berger, em 1989, e Nelson Piquet, em 1987, ambos no mesmo circuito de Ímola, cujos desfechos, embora preocupantes, não resultaram em fatalidades. “Tal base histórica consolidara a convicção de que os carros de Fórmula 1, àquela altura, haviam atingido um patamar tecnológico que lhes conferia suficiente robustez estrutural para garantir a sobrevivência dos condutores, mesmo sob circunstâncias extremas” (WILLIAMS, 1995).

A morte de Ayrton Senna provocou uma comoção de magnitude inédita no cenário nacional, instaurando um luto coletivo que ultrapassou as esferas institucionais, midiáticas e domésticas. Desde os primeiros indícios de que o acidente ocorrido em Ímola poderia ter consequências trágicas, a atenção pública voltou-se, de maneira quase mecanizada, para os meios de comunicação, especialmente a televisão, que desempenhou uma função estratégica na mediação do impacto emocional da tragédia.

A cobertura televisiva foi imediata e abrangente. A Rede Globo, principal emissora do país, reconfigurou integralmente a edição do programa Fantástico naquela noite de domingo, abrindo espaço para a exibição de imagens do acidente e análises preliminares, mesmo antes da largada oficial da corrida. Essa reformulação evidenciou o grau de excepcionalidade do acontecimento. Praticamente todas as redes abertas mobilizaram suas estruturas jornalísticas para acompanhar os desdobramentos, com exceção do SBT. Naquele mesmo fim de semana, a revista Caras havia chegado às bancas com uma edição especial contendo fotografias inéditas de Senna ao lado de sua companheira, Adriane Galisteu. A repercussão foi tamanha que as vendas da revista registraram um aumento expressivo nos dias subsequentes, chegando a superar 1 milhão de exemplares vendidos, impulsionadas pela intensa demanda do público (SOUZA, 2008).

A influência do incidente, contudo, não se restringiu ao Brasil. Em países como o Japão, onde Senna gozava um enorme prestígio, especialmente em virtude de sua associação com a montadora Honda, a notícia de seu falecimento foi recebida com consternação generalizada. Jornais e emissoras japonesas lhe dedicaram ampla cobertura ressaltando seus feitos esportivos e a dimensão quase mítica que o cercava.

Desde muito cedo, Senna foi instrumentalizado como símbolo de excelência, surgindo no imaginário coletivo como a figura providencial em um momento de acentuada instabilidade político-econômica no Brasil. Sua ascensão coincidiu com um período em que a mídia ansiava por ícones capazes de restaurar o orgulho do povo. Contudo, tal mitificação não se deu unicamente em virtude do carisma ou do talento esportivo do piloto, mas, sobretudo, em função de sua imensa capacidade de mobilizar afetos e, conseqüentemente, de gerar capital simbólico (RIBEIRO, 2006).

Não é, portanto, de se estranhar o favoritismo reservado a Ayrton Senna pela mídia no âmbito de sua célebre rivalidade com Alain Prost. Tal inclinação revela-se quase inevitável, considerando que toda narrativa consagrada pelo imaginário coletivo demanda, em alguma medida, a presença de um antagonista. A contraposição entre o brasileiro, passional e intuitivo, e o francês, metódico e cerebral oferecia aos veículos de comunicação um enredo de rara potência dramática, cuja simplicidade estrutural encontrava eco imediato junto ao público. Trata-se de uma fórmula recorrente na construção midiática de grandes personagens, na qual tensões esportivas são transfiguradas em embates simbólicos, pautados por uma lógica que privilegia a emoção

em detrimento da complexidade factual. A imprensa, consciente do poder mobilizador dessas narrativas, recorre a elas não apenas no caso de Senna e Prost, mas em diversos outros episódios, justamente por seu elevado potencial de rentabilidade.

Como observa Gregolin (2007, p. 16), “a criação dessa ilusão de unidade do sentido é um recurso discursivo que fica evidente nos textos da mídia [...] que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação de sua relação com a realidade concreta”. Nesse cenário, a mídia não apenas transmite informações, mas opera como agente estruturante de sentidos ao selecionar, repetir e organizar signos que compõem o imaginário coletivo. Nesse processo, imagens, discursos e performances são constantemente ressignificados, adquirindo o valor simbólico que transcende o fato em si. Ao reiterar certos símbolos e silenciar outros, a mídia participa de um sistema simbólico que estabelece o que deve ser lembrado e o que pode ser esquecido, guiando o olhar social por meio de uma lógica de representações. Dessa forma, mesmo escolhas aparentemente neutras, como a repetição de um gesto, a trilha sonora que acompanha uma vitória ou o enquadramento de um olhar, tornam-se dispositivos semióticos potentes, capazes de sedimentar leituras específicas da realidade. Elas não apenas conduzem o olhar, mas também circunscrevem o espectro de significações possíveis, instaurando uma hegemonia hermenêutica que, ao se afirmar como naturalizada, tende a ofuscar perspectivas dissidentes e relegar ao silêncio narrativas que escapam à lógica dominante.

Este trabalho parte da seguinte problemática: de que modo a mídia brasileira, com ênfase no papel desempenhado pelo jornal Folha de S.Paulo, atuou na elaboração simbólica da imagem de Ayrton Senna e de sua rivalidade com Alain Prost no contexto dos trinta anos de sua morte?

A escolha da Folha de S.Paulo se justifica por sua reconhecida trajetória no cenário jornalístico nacional, sua ampla circulação e sua capacidade de influenciar a construção de sentidos na esfera pública. Ademais, destaca-se a pertinência do corpus selecionado, publicado no marco de três décadas do falecimento de Senna, período em que a difusão da série documental da Netflix reacendeu o imaginário coletivo em torno da rivalidade entre o piloto brasileiro e Alain Prost.

O estudo propõe-se a investigar os modos pelos quais o jornal Folha de S.Paulo construiu signos simbólicos associados à figura de Ayrton Senna e à sua dualidade com Alain Prost, evidenciando os recursos discursivos mobilizados para a consolidação do

imaginário coletivo em torno dessas personalidades midiáticas. Entre os objetos específicos, destacam-se: identificar os elementos simbólicos recorrentes nas reportagens que abordam Senna e sua rivalidade com Prost; analisar de que maneira tais elementos operam na constituição de representações coletivas, refletir sobre o papel da rememoração pública nos processos de reatualização simbólica de figuras midiáticas e examinar os critérios de seleção e circulação de signos adotados pelo discurso jornalístico na tessitura dessas construções simbólicas.

Cumprе destacar que o enfoque deste estudo não recai sobre os eventos em si, mas sobre os sentidos e significados que a mídia deles constrói. Os signos (ícones, índices e símbolos) são criteriosamente selecionados pelo veículo, configurando-se como agentes ativos na produção das imagens simbólicas desses personagens e elaborando narrativas que excedem a mera reprodução factual dos acontecimentos.

A relevância deste trabalho inscreve-se na necessidade de compreender os processos simbólicos acionados pela mídia na construção de símbolos, sobretudo em contextos de rememoração pública. A análise da representação de Ayrton Senna, três décadas após sua morte, revela-se relevante para a compreensão dos mecanismos de reatualização narrativa e do papel mediador da imprensa na ressignificação do imaginário social. A estrutura do trabalho organiza-se em três seções: a Seção 1 dedica-se à exposição da teoria, alicerçado em abordagens sobre mídia e construção simbólica; a Seção 2 concentra-se na análise das reportagens da Folha de S.Paulo que enfocam exclusivamente a figura de Ayrton Senna e a Seção 3 que analisa textos jornalísticos que abordam a rivalidade simbólica entre Ayrton Senna e Alain Prost.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

2.1 Teoria

Para introduzir a fundamentação teórica da semiótica, Charles Peirce sustentava uma tese basilar: o signo constitui-se como um elemento que, na esfera mental, representa outro ente ou conceito. Para Peirce, a utilização dos signos é universal e permeia toda comunicação humana, manifestando-se em múltiplas modalidades, sejam palavras, imagens ou gestos. É a partir dessa matriz semiótica que se erigem a linguagem e os discursos, pois todo ato de expressão, seja verbal, escrito ou visual, repousa inexoravelmente sobre a mediação simbólica dos signos para dar forma e sentido às ideias no mundo (NICOLAU et al., 2010, p.3).

Em relação ao ícone, este representa seu objeto por meio da semelhança, valendo-se de qualidades compartilhadas, mesmo que o objeto referido não possua existência concreta. Tal signo pode evocar tanto entidades reais quanto imaginárias. Contudo, o ícone, isoladamente, não veicula informação concreta, limitando-se a sugerir a possibilidade do objeto. Para que a representação alcance a dimensão da realidade factual, intervém o índice, que estabelece uma relação causal ou física direta com seu referente, um vínculo empírico que não depende da interpretação subjetiva. Por sua vez, o símbolo é o único signo plenamente triádico na teoria peirceana, integrando a semelhança do ícone, a conexão factual do índice e sua própria dimensão normativa, fundada em leis, convenções e hábitos sociais. Diferentemente do ícone e do índice, o símbolo não demanda semelhança bem vínculo real com seu objeto; sua significação advém do pacto cultural que o legitima (MONTEIRO, 2018, p. 6-10).

No que concerne ao processo de significação, este desenrola-se em etapas distintas. Em um primeiro momento, aprendemos os objetos à nossa volta, percebendo-os como portadores de uma variedade de qualidades sensíveis: cor, forma, textura, entre outras. Em seguida, o intelecto opera associando tais percepções a registros anteriores, evocando memórias, experiências vividas e conhecimentos adquiridos. Por fim, ao vincular o objeto a um signo, nossa mente não apenas o reconhece, mas o ressignifica, atribuindo-lhe um sentido singular, condicionado por nossa cultura, trajetória de vida e universo simbólico. Dessa forma, o mundo é constituído por entidades concretas e por signos que as representam, sendo estes últimos os verdadeiros mediadores do nosso entendimento da realidade (NICOLAU et al., 2010, p.3).

Cumprе salientar, ainda, que o objeto detém sempre uma plenitude, riqueza e complexidade superior àquela do signo que o representa, pois o objeto constitui a realidade em sua essência e totalidade, ao passo que o signo figura como mera fração dessa realidade. O signo, por sua própria natureza, encontra-se inexoravelmente circunscrito, limitado pelas faculdades perceptivas, pelas estruturas linguísticas, pelos referenciais culturais e pelas experiências individuais do sujeito cognoscente. Em outras palavras, representa uma versão fragmentada, recortada e mediada do real, moldada pelos instrumentos simbólicos empregados para sua representação. O objeto, por sua vez, subsiste enquanto ente absoluto, portador de todas as suas propriedades, inclusive aquelas que escapam à apreensão sensorial ou que permanecem inacessíveis à consciência humana (CARDOSO, 2012, p. 170).

No que tange à dualidade simbólica, Shyamala (2019) postula que a cognição humana estrutura a compreensão do mundo mediante contrastes, especificamente por meio de pares antitéticos denominados oposições binárias. Tais binarismos consistem em conceitos mutuamente excludentes, nos quais, não obstante a aparente dicotomia, um dos polos é sistematicamente hierarquizado como superior, mais vigoroso ou socialmente valorizado em relação ao seu oposto. Cumpre salientar, entretanto, que essas polaridades não se apresentam como categorias estanques e imutáveis, mas sim como categorias permeáveis e dialeticamente entrelaçadas. Nesse âmbito, a dualidade vilão-herói configura-se como uma das manifestações paradigmáticas dessas oposições simbólicas.

Por fim, tais fragmentos, configurados como oposições binárias, funcionam como dispositivos discursivos que fortalecem a crença do público na ilusão da “verdade” exposta, quando, na realidade, constituem uma elaborada construção semiótica. Trata-se da estética do real, alicerçada na ilusão referencial. Assim, embora a imprensa aparente limitar-se a relatar “o que efetivamente ocorreu”, está, de fato, engendrando sentidos por intermédio de signos meticulosamente articulados

2.2 Senna como signo de brasilidade e heroísmo

As análises veiculadas pela mídia edificaram Ayrton Senna como um signo paradigmático da brasilidade. Atribuições como “determinação” e “virilidade” foram meticulosamente associadas a uma concepção idealizada da identidade nacional, transcendendo a mera individualidade do piloto para construir traços emblemáticos do Brasil enquanto coletividade. Tais qualidades, valorizadas pelo imaginário cultural, conferiram a Senna o status de símbolo representativo do povo brasileiro. A mídia, ao eleger e destacar essas características, atuava deliberadamente na construção de um discurso hegemônico, capaz de suscitar um sentimento de identidade coletiva. Essa narrativa instituiu Senna como um ser singular e integral, projetado como representante do brasileiro ideal (LEITE, 2010, p. 161-162).

No período que abarca as três décadas subsequentes ao falecimento de Senna até a realização do Grande Prêmio do Brasil, a Folha de S.Paulo persiste em perpetuar a idealização em torno da figura do piloto. Por meio de abordagens diversas, ora críticas, ora emotivas ou promocionais, o periódico remete constantemente ao signo “Ayrton Senna” enquanto símbolo coeso e unívoco, erigindo-o como um verdadeiro “monumento narrativo” cuja preservação intacta parece ser um desiderato da sociedade

brasileira. A Folha mobiliza, nesses períodos, uma profusa gama de códigos discursivos alusivos à exaltação mediante os quais termos como “homenagem”, “legado” e “presença forte” confluem para conferir ao piloto uma aura de quase sagrado.

O artigo publicado pela Folha de S.Paulo, intitulado “Sem herdeiros campeões, Brasil vive jejum na F1 desde reinado de Senna”, datado de 1º de maio de 2024, consagra Ayrton Senna como o símbolo supremo de uma era áurea do automobilismo nacional, consolidando sua imagem como símbolo perene dessa época de glória.

Estacionado nos oito, o Brasil hoje é a terceira nação com mais campeonatos, atrás da Alemanha, que não tinha nenhum troféu até 1994, ano da morte de Ayrton Senna e também do primeiro dos sete títulos de Michael Schumacher. Com mais quatro de Sebastian Vettel e um de Nico Rosberg, os alemães agora somam 12. (TRINDADE, 2024).

A expressão “estacionado nos oito” constitui uma metáfora contundente para a estagnação nacional. O verbo “estacionar” inscreve um sentido de imobilismo não apenas no âmbito estritamente esportivo, mas sobretudo em uma dimensão simbólica e cultural. Ressalta-se, assim, o peso negativo contido na contraposição com a Alemanha, que se estrutura sob uma dicotomia polarizante: de um lado, os doze títulos mundiais do país europeu, emblemas de pujante ascensão; de outro, os oito do Brasil, interpretados como indício de estagnação e declínio. Essa oposição cristaliza a dialética entre um passado de glórias e um presente marcado pela perda de relevância. No discurso em apreço, a morte de Ayrton configura-se como um evento paradigmático, o limiar que assinala o fim de uma era e a instauração da hegemonia germânica, personificada pela figura de Schumacher. A assertiva de que a Alemanha “não tinha nenhum troféu até 1994” reforça a narrativa de um país que, ex abrupto, edifica um novo império simbólico. Assim, a perda de Senna assume status de metáfora para o declínio brasileiro, instaurando-se como signo mitológico que sintetiza a glória pretérita e a subsequente decadência. A narrativa do “antes e depois” configura-se enquanto signo simbólico que exerce a função de interpretante ao promover a reconfiguração da experiência temporal, instaurando uma cisão representacional que dota a realidade de sentido a partir de um referencial temporal socialmente instituído.

O GP da Emilia-Romagna da F1, realizado no domingo (19) no circuito de Ímola, na Itália, foi marcado por homenagens a Ayrton Senna. Foi nessa pista, o autódromo Enzo e Dino Ferrari, que o piloto brasileiro morreu, em 1994, acidente que completou 30 anos no início deste mês. Antes da corrida, Sebastian Vettel, guiou a McLaren MP4/8, carro usado por Senna em sua última temporada na escuderia britânica, em 1993. O alemão usava um capacete estilizado em referência ao conhecido acessório do tricampeão mundial. O macacão e a balaclava tinham estampas semelhantes. E

Vettel dirigiu o monoposto carregando uma bandeira do Brasil (Corrida em [...], 2024).

As menções ao “capacete estilizado em referência ao conhecido acessório do tricampeão mundial” e ao “macacão e a balaclava tinham estampas semelhantes” atuam como signos icônicos, estabelecendo uma relação direta de semelhança com os elementos originalmente associados a Ayrton Senna. Essa reiterada iconografia fortalece simbolicamente a presença do piloto ausente, conferindo ao ritual uma dimensão performativa que constrói uma imagem coletiva. Nessa dinâmica, Vettel emerge como mediador vivo entre passado e presente, encarnando a memória de Senna e transformando sua ausência física em presença simbólica. A menção ao “acidente que completou 30 anos” consolida o evento no marco histórico, legitimando e ressignificando a tragédia como pilar do imaginário esportivo brasileiro e internacional.

Sua imagem e seu nome fazem parte da sinalização urbana, com indicações para uma das áreas mais visitadas da cidade. Sua assinatura está em luminosos pendurados sobre o centro histórico. Seu rosto está na sala do prefeito, em um retrato na estante, e prestes a virar um mural de quatro metros de altura na periferia. A maioria ali o chama pelo primeiro nome, Ayrton. Trinta anos após a morte de Ayrton Senna, em um choque com o muro da curva Tamburello, em 1º de maio de 1994, a cidade de Ímola, no norte da Itália, convive com a imagem do piloto brasileiro como parte da paisagem e da memória coletiva, compartilhada mesmo por quem não lhe assistiu nas pistas nem viu o acidente. ‘Sempre vi e ouvi sobre Ayrton. Quando tinha dez anos, nos jogos de computador, escolhia correr com a máquina dele’, disse à Folha o prefeito de Ímola, Marco Panieri, 33, que tinha menos de quatro anos quando Senna morreu (OLIVEIRA, 2024).

No excerto analisado, em apreço revela a presença semiótica de Ayrton Senna na cidade de Ímola, configurando seu nome e imagem como elementos significativos na paisagem urbana e na memória coletiva. A análise evidencia o modo como a linguagem jornalística articula essas categorias para consolidar a figura de Senna.

Desde a abertura, a expressão “Sua imagem e seu nome fazem parte da sinalização urbana” consagra Senna enquanto símbolo institucionalizado, cuja relação com o objeto é mediada pela convenção, convertendo seu nome em ponto de referência e identidade urbana.

A “assinatura em luminosos” assume caráter duplo: índice pela materialidade que aponta para a presença real, e símbolo ao transcender a materialidade, funcionando como marca coletiva incorporada à paisagem comercial e pública.

O “retrato na estante do prefeito” conjuga o ícone, pela semelhança visual, e o índice afetivo, ao situar-se em âmbito doméstico, sugerindo vínculo emocional velado. Já o anunciado “mural de quatro metros” amplia o signo icônico como

monumentalização simbólica e símbolo de consagração cultural, traduzindo-se em gesto de consagração cultural e afirmação identitária. A escolha lexical da forma familiar “Ayrton” revela um símbolo afetivo cuja força reside na internalização cultural, dispensando o sobrenome e consolidando um signo autossuficiente.

Por fim, a metáfora (figura de linguagem que estabelece uma relação de semelhança entre dois elementos distintos) do “conviver” com a imagem insere Senna no regime sensível da cidade, humanizando o signo e destacando sua integração ao cotidiano. A afirmação de que sua imagem persiste “mesmo por quem não assistiu às pistas nem viu o acidente” denota o caráter de semiose contínua, pela qual Senna permanece presente no imaginário coletivo por meio da circulação discursiva e simbólica.

2.3 Prost como o antagonista técnico ou “o outro europeu”

Por evocar um profundo senso de pertencimento no imaginário nacional, Ayrton Senna foi alçado a um lugar de identificação coletiva que fez com que sua histórica rivalidade com Alain Prost ultrapassasse os limites do embate meramente esportivo. Para o público brasileiro, cada confronto entre os dois tornava-se um drama carregado de comoção simbólica, como se a nação inteira fosse convocada a participar do duelo ao lado de seu ídolo. A mídia, em estreita sintonia com os afetos populares, operou na construção de uma narrativa arquetípica, fundada em estereótipos culturais dicotômicos. Senna passou a representar o brasileiro emotivo, impulsivo e visceral, enquanto Prost foi associado à figura do europeu, racional e metódico (TARTAS, 2019, p. 113). Dessa forma, quando a imprensa brasileira assume a defesa de Ayrton, tal posicionamento não encontra resistência por parte do público, justamente porque o piloto já está solidamente instaurado como emblema do “orgulho nacional”, um signo compartilhado e internalizado pelo imaginário coletivo. A narrativa que contrapõe o herói pátrio ao rival estrangeiro inscreve-se numa lógica de nacionalismo exacerbado, caracterizada por uma exaltação quase mítica da figura de Senna (BRANDÃO, 2023, p. 4).

As reportagens que destacam os gestos de Senna desempenham a função de provas emocionais que conferem a ele a condição de entidade “real”, o herói emblemático, a encarnação da brasilidade. Tais minúcias, desprovidas de função narrativa racional explícita, atuam como significantes da verossimilhança. Por sua vez, a representação de Prost como figura fria e técnica ultrapassa o mero factual, revestindo-se de simbolismo ao encarnar o “outro”, o “não-nós” culturalmente construído.

Tal fenômeno ocorre porque certos detalhes concretos inseridos em textos narrativos não cumprem, necessariamente, uma função explicativa, mas operam como artifícios de produção do chamado efeito de realidade, mecanismo pelo qual a narrativa adquire uma aparência de verdade, naturalidade e objetividade. Elementos prosaicos e aparentemente insignificantes, como gestos triviais, objetos banais ou frases corriqueiras, carecem de função narrativa explícita, mas funcionam como índices simbólicos que atestam, de modo sutil, a autenticidade daquilo que é narrado. Não se trata de um significado profundo atribuído a esses pormenores, mas de sua eficácia em instaurar a ilusão de um real imediatamente apreensível. A mídia, à semelhança da tradição literária realista, apropria-se desse procedimento estético-discursivo para construir uma aparência de neutralidade, quando, em verdade, está engendrando sentidos específicos, sobretudo o sentido do “real”, como se este emergisse isento de interpretações. No entanto, esse “real” não é uma entidade verdadeira em si, mas, antes, um efeito simbólico de verossimilhança, cuidadosamente arquitetado. Tal estratégia discursiva escamoteia o fato de que toda produção simbólica, é, por definição, estruturada, ideológica e mediada por códigos semióticos, mesmo quando se pretende apenas “mostrar a realidade” (BARTHES, 1989, p. 146).

Contudo, em análises jornalísticas mais recentes, evidencia-se um sutil declínio das oposições binárias. Com o transcurso dos anos, a Folha de S.Paulo aparenta ter mitigado a oposição outrora vigorosa entre os protagonistas desse embate. O discurso, antes centrado no antagonismo exacerbado, agora evoca uma sensação de conciliação figurada, como se, após longos anos o embate houvesse sido transcendido por uma espécie de “cordialidade amigável”, marcada pela resolução pacífica da disputa.

Alain Prost, principal rival de Senna, publicou uma fotografia com o velho adversário, em momento de bom humor, e disse que seria bom se eles estivessem rindo juntos novamente. Perfis como os da F1, da McLaren e da Williams, última equipe do piloto, fizeram uma série de publicações em referência aos 30 anos de sua morte (Fãs e [...], 2024).

“Velho adversário” opera como um signo simbólico cuja significação se ancora em convenções socioculturais sedimentadas, que reconhecem Alain Prost como antagonista histórico de Ayrton Senna, agora ressignificado sob a égide da memória afetiva. O adjetivo “velho” funciona não apenas como um índice temporal, mas também como marcador de um distanciamento emocional que suaviza o antagonismo e insinua uma reconciliação simbólica. Por sua vez, a expressão “momento de um bom humor”

manifesta-se como ícone de uma amizade possível, ainda que efêmera, entre os outrora rivais.

A articulação desses signos se inscreve plenamente na tríade peirceana: o representamen convoca um objeto de natureza histórico-afetiva (a rivalidade transmutada em afeto), produzindo uma interpretante que oscila entre a nostalgia e a idealização de um reencontro que jamais se consumar, como sutilmente sugerido pela forma verbal condicional “seria bom”. Tal construção semiótica mobiliza um interpretante de ordem emocional, ativando os afetos coletivos em torno da figura de Senna e convertendo o episódio de sua morte em um locus de comunhão simbólica, memória coletiva e sacralização.

Ayrton pediu para checar a pista, já que, depois da aposentadoria de Alain Prost [piloto francês, em 1993, ele era o personagem mais influente da F1 e se sentia responsável pela organização da corrida do ponto de vista dos pilotos, especialmente os mais jovens (OLIVEIRA, 2024).

O excerto em questão aciona signos linguísticos de natureza majoritariamente simbólica para erigir uma representação de Ayrton Senna enquanto legítimo sucessor moral, técnico e afetivo de Alain Prost no panorama da Fórmula 1. A construção frasal “depois da aposentadoria de Alain Prost” funciona como representação simbólica, cujo objetivo imediato é o encerramento da trajetória esportiva do piloto francês, e cujo interpretante dinâmico projeta uma transição de hegemonia simbólica no campo discursivo do automobilismo.

No entanto, o gesto atribuído a Senna, ao solicitar a inspeção prévia da pista, introduz um signo de natureza indicial, ao estabelecer uma correlação direta e empírica entre o enunciado e o referente extralinguístico. O signo é algo que representa um objeto para um interpretante dentro de uma relação triádica e pode se manifestar de diferentes formas, sendo o símbolo uma delas, caracterizado por representar seu objeto por convenção ou acordo social (ROMANINI, 2016, p. 41–42). Tal ação de Ayrton, ainda que pontual, adquire valor interpretativo como índice de responsabilidade ética, sensibilidade tática e autoridade moral, reposicionando Senna como figura tutelar do novo regime simbólico da categoria. Em contrapartida, Prost é reinscrito como signo simbólico de um passado monumentalizado, uma entidade histórica que passa a operar como referência estática, ao passo que Senna assume a função de interpretante final, configurando-se como paradigma normativo, síntese de virtude e vigília.

Nada mais atraente, do ponto de vista do negócio do entretenimento por streaming, que uma produção centrada na ideia de que o audacioso brasileiro foi vítima do

"sistema" da Fórmula 1, tendo que enfrentar dois franceses de péssimo humor, o piloto Alain Prost e o dirigente esportivo Jean-Marie Balestre (STYCER, 2024).

Neste enunciado jornalístico, o representamen é a formulação irônica do autor, especialmente a construção frasal que dramatiza a trajetória de Ayrton Senna como um produto mercadológico. Trata-se de um símbolo argumentativo, mais precisamente de um legisigno dicente, pois opera por convenções linguísticas compartilhadas (símbolo), generaliza a linguagem jornalística (legisigno) e enuncia uma proposição com pretensão crítica (dicente).

Expressões como “audacioso brasileiro” e “dois franceses de péssimo humor” são símbolos nacionais estilizados que mobilizam afetos coletivos e reforçam modelos narrativos, assim, o texto configura-se como signo de terceiridade elevada: reproduz signos midiáticos convencionais e simultaneamente os critica via ironia, gerando um efeito semiótico complexo ao denunciar a construção simbólica da injustiça por meio dos próprios signos dessa construção, revelando sua artificialidade.

3. CONCLUSÃO

Em síntese, este trabalho teve como objetivo central examinar a construção simbólica da figura de Ayrton Senna e sua dualidade com Alain Prost nas reportagens da Folha de S.Paulo, tendo a semiótica de Charles Sanders Peirce como base teórica. A problemática que norteia a pesquisa consiste em investigar de que modo o discurso jornalístico da Folha se configura, passadas três décadas da morte do piloto, e em que medida ainda preserva as características simbólicas consolidadas à época.

Como resultado, a análise realizada permitiu identificar que o jornal Folha de S.Paulo continua construindo a imagem de Ayrton Senna por meio de signos que o vinculam a valores nacionalmente consagrados, retratando-o como uma figura paradigmática de excelência e honra. Essa construção opera mediante o uso de signos icônicos, indexicais e simbólicos, além da mobilização de oposições binárias que sustentaram um modelo narrativo já consolidado, mas ainda eficaz, mesmo após o transcorrer de décadas. A representação de Senna, antes centrada em suas façanhas esportivas, adquire agora contornos quase divinizados, resultado da força mítica que sua ausência física confere à memória coletiva. Sua figura, transformada em emblema nacional, passa a ocupar um espaço simbólico que transcende o esporte, sendo alçada a um patamar de reverência. Observa-se, ainda, um movimento de atenuação discursiva no tratamento da rivalidade com Alain Prost, especialmente no contexto dos trinta anos

de sua morte: as reportagens analisadas tendem a atenuar os conflitos outrora intensamente noticiados, adotando um tom mais memorialista, em dissonância com a retórica competitiva da época em que ambos disputavam as pistas. Assim, mesmo diante de transformações perceptíveis na abordagem midiática, conclui-se que os objetivos dessa pesquisa foram alcançados, ao evidenciar os modos pelos quais o discurso jornalístico atua na reconfiguração simbólica de figuras públicas.

Esta pesquisa oferece uma contribuição relevante aos estudos sobre mídia, memória e cultura, ao propor uma leitura semiótica aplicada a um corpus jornalístico concreto, revelando os mecanismos discursivos que orientam a produção de sentidos em torno de figuras emblemáticas. A originalidade do trabalho reside na articulação entre a teoria peirceana dos signos e a análise de reportagens da Folha de S.Paulo, demonstrando como o discurso jornalístico participa ativamente da construção de signos vinculados à identidade nacional. Observa-se, contudo, a existência de limitações metodológicas, sobretudo no que diz respeito à constituição do corpus, em razão da escassez de matérias dedicadas exclusivamente a Ayrton Senna no recorte temporal adotado. Em grande parte, sua presença no jornal ocorre por meio de breves citações ou notas de rodapé inseridas em textos mais amplos.

Como possibilidades para desdobramentos futuros, propõe-se o aprofundamento do contraste entre a construção simbólica de Senna na mídia brasileira e sua representação em outras esferas culturais, como a imprensa francesa, especialmente no que tange à rivalidade com Alain Prost. Uma abordagem comparativa entre diferentes culturas midiáticas poderia revelar divergências significativas nos signos mobilizados e nas estratégias narrativas adotadas. Ademais, investigações posteriores poderiam expandir para outras formas de mediação simbólica associadas à imagem de Senna, como campanhas publicitárias, produções documentais, homenagens televisivas e narrativas institucionais. Igualmente promissora para futuros pesquisadores seria a exploração das reconfigurações contemporâneas de sua figura no ambiente digital, considerando plataformas como YouTube, redes sociais e conteúdos audiovisuais de circulação rápida, a exemplo dos reels, os quais desempenham um papel central na reatualização de personalidades no imaginário coletivo contemporâneo.

4. REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **The rustle of language**. Berkeley: University of California Press, 1989. p. 146–147.

BRANDÃO, P. W. **A construção da rivalidade entre atletas no jornalismo esportivo**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

CARDOSO, M. J. D. **Peirce, Lacan e a questão do signo indicial**. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 165-178, jun. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/vmjFzN7bW958fDTcFZDG7bx/?lang=pt>. Acesso em: 20 maio 2025.

CORRIDA EM Ímola tem homenagem a Senna, 30 anos após sua morte. Folha de S.Paulo, São Paulo, 19 maio 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2024/05/corrida-em-imola-tem-homenagens-a-senna-30-anos-apos-sua-morte.shtml>. Acesso em: 31 maio 2025.

FÃS E personalidades prestam homenagem a Senna no Brasil e no mundo. Folha de S.Paulo, São Paulo, 1 maio 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2024/05/fas-e-personalidades-prestam-homenagens-a-senna-no-brasil-e-no-mundo.shtml>. Acesso em: 31 maio 2025.

GREGOLIN, M. D. R. **Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades**. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 4, n.11, p. 11-25, nov. 2007.

LEITE, J. D. **Discursivizações sobre Ayrton Senna e certa representação de brasilidade**. 163 f. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, p. 161-162, jun. 2010.

MONTEIRO, R. R. **A semiótica de Peirce a partir de John Locke e David Hume: o ícone, índice e símbolo**. *Divers@ Revista Eletrônica Interdisciplinar, Matinhos*, v. 11, n. 1, p. 2–14, jan./jun. 2018. Disponível em: . Acesso em: 07 ago. 2025.

NICOLAU, M. et al. **Comunicação e semiótica: visão geral e introdutória à semiótica de Peirce**. *Temática*, João Pessoa, ano VI, n. 08, p. 1–25, ago. 2010.

OLIVEIRA, M. **Senna é presença marcante em Ímola 30 anos após sua morte**. Folha de S. Paulo, Imola e Milão, 27 abr. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2024/04/senna-e-presenca-marcante-em-imola-30-anos-apos-sua-morte.shtml>. Acesso em: 31 maio 2025.

OLIVEIRA, M. **“As bruxas sobrevoaram o autódromo de Ímola”, diz médico que socorreu Senna.** Folha de S.Paulo, Milão, 29 abr. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2024/04/as-bruxas-sobrevoaram-o-autodromo-de-imola-diz-medico-que-socorreu-senna.shtml>. Acesso em: 31 maio 2025.

RIBEIRO, S. L. M. **Ayrton Senna herói nacional: a contribuição do piloto e da imprensa na construção de sua imagem: análise de reportagens e citações do jornal Folha de São Paulo.** [s.l.] Centro Universitário de Brasília, nov. 2006.

ROMANINI, V. **A contribuição de Peirce para a teoria da comunicação.** CASA: Cadernos de Arte e Semiótica, v. 14, n. 1, 2016. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/download/8082/5844>. Acesso em: 18 ago. 2025.

SHYAMALA, C. G. **Literary criticism and theory – part II.** [Material de estudo]. Calicut: University of Calicut, School of Distance Education, 2019.

SOUZA, F. D. C. **Ayrton Senna: o mito das pistas.** 2008. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

STYCER, M. **A lógica do negócio do entretenimento por streaming.** Folha de S.Paulo, 27 nov. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/mauriciostycer/2024/11/a-logica-do-negocio-do-entretenimento-por-streaming.shtml>. Acesso em: 31 maio 2025.

TARTAS, F. **Ayrton Senna, herói de uma nação: a reconstrução sociológica de um mito nacional.** Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

TRINDADE, L. **Sem herdeiros campeões, Brasil vive jejum na F1 desde reinado de Senna.** Folha de S.Paulo, São Paulo, 1 maio 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/amp/esporte/2024/05/sem-herdeiros-campeoes-brasil-vive-jejum-na-f1-desde-reinado-de-senna.shtml>. Acesso em: 20 maio 2025.

WILLIAMS, R. **Ayrton Senna: the gladiatorial virtuoso who still sets the standard.** Disponível em: <https://www.theguardian.com/sport/blog/2014/apr/30/ayrton-senna-death-formula-one-20-years>. Acesso em: 6 abr. 2024.

WILLIAMS, R. **The Death of Ayrton Senna.** Rua Viaduct Gardens, edifício One Embassy Gardens, Londres, SW11 7BW, Reino Unido: Penguin Books Ltd, 1995.